



## Avaliação na EJA: Caminhos que Respeitam a Trajetória

### Assessment in Youth and Adult Education (EJA): Pathways that Respect Learners' Educational Trajectories

**Gilberto Cipriano do Nascimento**

*Historiador (Universidade Estácio de Sá), especialista em Educação de Jovens e Adultos e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo IFRN. Possui também especialização em Filosofia (FAVENI), Especialização em Teologia e Educação Cristã pela Faculdade Sudoeste - FASU, Especialização em Liderança Cristã - Faculdade Internacional Cidade Viva – FICV, Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica - FATEB. Concluindo a especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (FACIBE). Mestrando em Educação pela Ecumenical World University Estado da Flórida – EUA. Atua como professor na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, Parazinho/RN, escritor e com experiência na área de Educação. Autor e organizador de diversas obras publicadas idealizou e coordenou o projeto "Memórias da Comunidade" com os alunos do 9º ano em 2026, transformando a sala de aula em espaço de pesquisa histórica e registro da memória oral de Parazinho. Colunista do Blog Moisés Araújo – Educação de Jovens e Adultos. Link: <https://moisesaraujo.com.br/category/coluna/>*

**Resumo:** Este capítulo discute a avaliação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como prática política, pedagógica e humanizadora, que vai além da mera mensuração de conteúdo. Defende-se que avaliar, na EJA, significa reconhecer trajetórias de vida marcadas por trabalho precoce, responsabilidades familiares, migrações, experiências de fracasso escolar e de exclusão. A partir de referenciais como Paulo Freire, Luckesi, Afonso, Hoffmann, Black e Wiliam, Gadotti, Di Pierro e Arroyo, o texto problematiza modelos avaliativos classificatórios e punitivos, propondo uma avaliação formativa, dialógica e inclusiva, que acompanhe o percurso do estudante e valorize seus saberes prévios. São apresentadas práticas avaliativas como rodas de conversa, diários reflexivos, projetos contextualizados, autoavaliação e observação orientada, enfatizando que, na EJA, avaliar é um ato de fé e esperança ativa, capaz de comunicar confiança, reconstruir autoestima e contribuir para a permanência e o sucesso escolar. Conclui-se que a avaliação, quando alinhada a uma perspectiva crítica e emancipadora, pode se tornar um instrumento de transformação, respeitando percursos e abrindo possibilidades de novos projetos de vida.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos; avaliação formativa; inclusão; trajetórias escolares; humanização.

**Abstract:** This chapter discusses assessment in Youth and Adult Education (EJA) as a political, pedagogical, and humanizing practice that goes beyond the mere measurement of content acquisition. It argues that assessment in EJA means recognizing life trajectories marked by early labor, family responsibilities, migration, experiences of school failure, and social exclusion. Drawing on the theoretical contributions of Paulo Freire, Luckesi, Afonso, Hoffmann, Black, and Wiliam, Gadotti, Di Pierro, and Arroyo, the text problematizes classificatory and punitive assessment models, proposing instead a formative, dialogical, and inclusive approach that follows students' learning processes and values their prior knowledge. The chapter presents assessment practices such as discussion circles, reflective journals, contextualized projects, self-assessment, and guided observation, emphasizing that, in EJA, assessment is an act of faith and active hope, capable of conveying trust, rebuilding self-esteem, and contributing to student retention and academic success. It concludes that assessment, when aligned with a critical and emancipatory perspective, can become a transformative instrument, respecting individual trajectories and opening possibilities for new life projects.

**Keywords:** youth and adult education; formative assessment; inclusion; educational trajectories; humanization.

## INTRODUÇÃO: AVALIAR É ESCUTAR CAMINHOS

Avaliar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) transcende a mera mensuração de conteúdos; trata-se, fundamentalmente, de um reconhecimento de trajetórias e histórias de vida. O estudante dessa modalidade traz consigo marcas profundas: experiências laborais, laços familiares, fé, migrações e, frequentemente, o peso de sonhos interrompidos por responsabilidades assumidas precocemente. Nesse cenário, a sala de aula torna-se um ponto de convergência de tempos diversos, unidos pela resiliência do desejo de aprender.

Nesse contexto, a avaliação deve se despir de seu caráter seletivo para assumir uma função de acolhimento e diálogo. Mais do que investigar o “quanto” foi aprendido, cabe ao educador indagar sobre a identidade do sujeito, seus saberes prévios e o que confere sentido ao aprendizado no presente. Como assevera Paulo Freire (1996), se o ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, o ato de avaliar deve seguir a mesma premissa ética. A prática avaliativa comunica, invariavelmente, a percepção que temos sobre o potencial transformador de nossos estudantes e sobre o papel da escola em suas vidas. Toda vez que avaliamos, dizemos ao educando se acreditamos — ou não — em sua capacidade de aprender, compreender o mundo e transformá-lo.

Por isso, na EJA, a avaliação precisa acompanhar a caminhada do estudante, e não o contrário. Ela deve se adaptar aos ritmos, tempos e condições concretas de vida de quem retorna à escola depois de tantos anos, muitas vezes carregando o peso de experiências anteriores de fracasso escolar e exclusão.

## AVALIAÇÃO NA EJA COMO ATO POLÍTICO E PEDAGÓGICO

A avaliação jamais é um ato neutro; ela carrega escolhas éticas e políticas implícitas na definição de seus critérios e instrumentos. Na EJA, essa dimensão é acentuada, pois lidamos com sujeitos historicamente marginalizados pelo sistema educacional.

Na perspectiva freireana, toda avaliação expressa um projeto de sociedade. Enquanto modelos classificatórios e punitivos tendem a reforçar desigualdades, uma avaliação dialógica e formativa reafirma o aprendizado como um direito acessível em qualquer fase da vida.

Luckesi (2011) define o “avaliar é um ato amoroso”, referindo-se ao compromisso, cuidado e acolhimento em relação à aprendizagem real, sem abdicar do rigor necessário para o crescimento do estudante. Significa perguntar: “como posso ajudá-lo a avançar?” em vez de “como vou classificá-lo?”.

Na EJA, a avaliação consolida-se em dois pilares:

- Político: ao recusar a lógica do descarte e afirmar o direito à educação permanente que, como aponta Gadotti (2009), deve ser garantida como um direito fundamental ao longo de toda a vida.
- Pedagógico: ao organizar o fazer docente em função de sujeitos concretos, com nomes e histórias próprias.

## **AVALIAÇÃO PARA APRENDIZAGEM: UM PROCESSO VIVO**

Diferente do veredito final, a avaliação para a aprendizagem acompanha o percurso. Ela é contínua, diagnóstica e formativa, sendo construída com o aluno para auxiliá-lo na identificação de seus progressos. Para que a transformação ocorra, a avaliação deve fortalecer e orientar, em vez de apenas classificar.

Black e Wiliam (1998) destacam que práticas avaliativas efetivas são aquelas que alimentam o processo de aprender. Quando a avaliação serve apenas para classificar, pouco contribui para que o estudante avance. Quando serve para orientar, fortalecer e dialogar, torna-se um instrumento poderoso de transformação.

No cotidiano da EJA, este processo significa:

- Valorizar as experiências laborais e a participação comunitária do educando;
- Respeitar os ritmos individuais e o tempo necessário para retomadas escolares;
- Acompanhar o desenvolvimento de habilidades funcionais e essenciais ao cotidiano como a interpretação de documentos e notícias;
- Oferecer devolutivas claras que motivem o estudante a avançar, reconstruindo a confiança muitas vezes abalada por experiências anteriores de fracasso.

Muitos estudantes chegam à EJA marcados por reprovações, humilhações e pela ideia de que “não nasceram para estudar”. Uma avaliação acolhedora, que explicita avanços, reconhece o esforço e trabalha o erro como parte do processo, ajuda a reconstruir a confiança abalada. A cada devolutiva justa e respeitosa, a escola comunica: “você é capaz e nós caminharemos juntos”.

## **PRÁTICAS AVALIATIVAS FORMATIVAS**

Para efetivar essa visão, é crucial diversificar os instrumentos avaliativos, superando a exclusividade da prova escrita. Muitas vezes, o saber do estudante da EJA manifesta-se por vias que a escrita tradicional não alcança. Em uma turma de EJA do interior do Rio Grande do Norte, na região do Mato Grande, durante uma roda de conversa avaliativa, um estudante de 58 anos afirmou ser aquela a primeira vez que um professor lhe perguntava o que acreditava ter aprendido. Ao relatar que agora conseguia interpretar a própria conta de energia, emocionou-se e disse: “Hoje

eu entendo o que pago. Em seguida, completou: “Professor, obrigado por me deixar falar. Situações como essa revelam que avaliar também é devolver dignidade ao percurso educativo. Entre as práticas sugeridas, destacam-se:

a) Rodas de conversas avaliativas

Espaços de escuta onde o diálogo atua como ferramenta pedagógica para ajustar o ensino às necessidades da turma. Neste cenário, os estudantes podem falar sobre o que aprenderam, o que ainda é difícil e como se sentem em relação às atividades. O professor pode iniciar com perguntas como: “O que mais chamou sua atenção nas aulas desta semana?”, “O que foi mais difícil de entender?”, “O que você conseguiu fazer hoje que antes não conseguia?”. Além do mais, permite ao professor ouvir percepções, medos, saberes e necessidades, ajustando a sua prática pedagógica com base no que a turma expressa. Freire (2001) enfatiza o diálogo como caminho de construção coletiva do conhecimento.

b) Diário de bordo ou registro reflexivo

Registros reflexivos que permitem ao estudante, seja por texto, desenho ou áudio, perceber seu próprio movimento de aprendizagem. Para o professor, esses registros são uma rica fonte de informação sobre o percurso de cada educando.

c) Projetos e atividades contextualizadas

Atividades que utilizam contas de luz, contratos ou notícias para avaliar a mobilização de saberes escolares frente a situações reais. Di Pierro (2005) afirma que as práticas pedagógicas na EJA ganham sentido quando integradas às trajetórias e necessidades concretas dos sujeitos. Ao trabalhar com textos do cotidiano (contas de luz, recibos, notícias locais, formulários, contratos simples), o professor avalia se o estudante consegue mobilizar saberes escolares para enfrentar situações reais.

d) Autoavaliação

Convite à autonomia, em que o educando reflete sobre seu compromisso e objetivos, tornando-se sujeito de sua própria formação. Pode ser feita por escrito, oralmente ou com apoio de quadros simples (por exemplo, “avanços que percebo em mim”, “dificuldades que ainda tenho”, “ajudas de que preciso”).

Esse movimento favorece a autonomia e a responsabilidade. O educando deixa de ser apenas objeto da avaliação e passa a ser sujeito do processo, construindo, junto com o professor, seu próprio projeto de aprendizagem.

e) Observação orientada

Registro sistemático de atitudes como cooperação e persistência, valorizando competências que extrapolam a formalidade escrita. A observação orientada consiste no professor registrar, sistematicamente, aspectos como: iniciativa, cooperação, persistência diante das dificuldades, uso de estratégias para resolver problemas.

Na EJA, essa prática é especialmente importante para que a avaliação não se restrinja à escrita formal. Estudantes que ainda não escrevem com fluência podem revelar muita capacidade em situações de fala, raciocínio oral e resolução de situações concretas.

## PERSPECTIVAS DIALÓGICAS E RESPEITO AO PERCURSO

Se o processo de ensino-aprendizagem na EJA é dialógico, a avaliação também deve ser. Avaliar é conversar, escutar, perguntar, explicar, negociar caminhos. Jussara Hoffmann (2014) propõe uma escuta sensível que individualiza a devolutiva, mostrando ao estudante evidências concretas de seu progresso. Essa humanização dos critérios reconhece que o caminho de cada educando é singular e marcado por resistências diversas.

Na prática, uma avaliação dialógica envolve:

- Abrir espaços para que o estudante comente seus avanços e dificuldades;
- Explicar os critérios de avaliação de forma clara, acessível;
- Apresentar devolutivas individualizadas, quando possível, apontando conquistas e indicando pontos a retomar;
- Convidar o educando a propor estratégias para superar dificuldades (reforços, estudos em casa, apoio de colegas, etc.).

Muitas vezes, uma conversa tranquila, em que o professor mostra ao estudante evidências de seu avanço — “veja como sua escrita melhorou”, “observe que hoje você já lê em voz alta com mais segurança” — tem mais impacto do que qualquer nota. É nesse diálogo que o educando percebe que não está sozinho, que alguém o enxerga para além de uma prova.

## RESPEITO AO PERCURSO: CADA CAMINHO TEM SEU TEMPO

A EJA é atravessada por uma grande diversidade de histórias de vida. Há quem volte à escola após décadas sem estudar; há quem tenha frequentado muitos anos, mas sem conseguir aprender a ler e escrever; há quem nunca tenha pisado numa sala de aula. Cada trajetória é única, marcada por trabalho, cuidado com a família, migrações, lutas coletivas, experiências de fé, dores e resistências.

Por isso, a avaliação precisa respeitar:

- Diferentes ritmos de aprendizagem;
- Trajetórias escolares interrompidas;
- Saberes construídos fora da escola (no trabalho, na comunidade, na vida cotidiana);
- Condições emocionais e cognitivas diversas.

Arroyo (ao discutir os sujeitos da EJA) ressalta que os tempos da vida não cabem no tempo linear da escola. Avaliar na EJA, então, implica reconhecer que o caminho de cada estudante é singular. A comparação entre colegas, típica de uma lógica competitiva, pouco contribui para o fortalecimento da autoestima e da vontade de aprender.

Respeitar o percurso significa avaliar o estudante em relação a si mesmo:

- De onde ele partiu;
- Quais foram seus avanços efetivos;
- Que apoios ainda são necessários para que continue aprendendo?

Esse olhar não elimina critérios, mas os humaniza. Não se trata de “baixar a régua”, e sim de compreender que, para muitos educandos, estar sentado em uma sala de aula à noite, depois de um dia inteiro de trabalho, já é, em si, um grande gesto de coragem.

## **DESAFIOS VIVIDOS NA EJA E POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO**

No cotidiano da EJA, educadores e estudantes enfrentam desafios importantes no campo da avaliação. Entre eles, podemos destacar:

- Pressão por resultados rápidos e quantitativos;
- Ausência de formação inicial e continuada específica para quem atua com jovens e adultos;
- Permanência de práticas avaliativas herdadas da educação tradicional, centradas em provas e notas;
- Pouco tempo para acompanhar individualmente cada estudante;
- Rotatividade, evasão e irregularidade de frequência, que dificultam processos avaliativos contínuos.

Além disso, em muitas redes, a EJA ainda é vista como modalidade “menor”, recebendo menos investimentos em materiais, espaços físicos e políticas de acompanhamento. Isso impacta diretamente as condições de trabalho e as possibilidades de uma avaliação realmente formativa.

Mesmo assim, educadores da EJA, em diferentes contextos do país, têm construído experiências potentes de avaliação humanizadora. Por meio de rodas de conversa, projetos interdisciplinares, registros reflexivos, portfólios e devolutivas cuidadosas, esses profissionais têm mostrado que é possível avaliar sem humilhar, exigir sem punir, acompanhar sem excluir.

O fortalecimento da EJA como política pública passa também por reconhecer essas práticas e garantir formação, tempo e condições de trabalho para que elas se consolidem. A avaliação, quando pensada de forma crítica, pode se tornar aliada na luta pelo direito à educação ao longo da vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A avaliação na EJA é um gesto de fé e esperança ativa. Ela pode ser o fator determinante entre a permanência e a evasão escolar. Quando acolhedora, a avaliação comunica que nunca é tarde para recomeçar e que a inteligência não

possui prazo de validade. Ao respeitar percursos e escutar vozes, a avaliação deixa de apenas certificar para passar a, verdadeiramente, significar e transformar vidas.

Quando a avaliação se transforma em espaço de diálogo, escuta e reconhecimento, a escola deixa de ser lugar de medo e passa a ser lugar de esperança. Em vez de apenas certificar, ela passa a significar. Em vez de produzir rótulos, produz possibilidades.

Na EJA, em muitos casos, o que separa a permanência da evasão é justamente a experiência que o estudante vive ao ser avaliado. Uma avaliação acolhedora pode ser a diferença entre abandonar o caderno numa gaveta ou seguir em frente, acreditando que vale a pena continuar.

Avaliar, então, é mais do que registrar notas ou preencher relatórios. É acompanhar trajetórias, reconhecer esforços, abrir caminhos. É participar da construção de novas histórias de vida. Em última instância, avaliar na EJA é um ato de esperança ativa: a crença de que, quando a escola respeita percursos e escuta vozes, a educação pode, de fato, transformar.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional: regulação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a escola EJA**. São Paulo: Cortez, 2014.

BLACK, P.; WILIAM, D. **Inside the Black Box: Raising Standards Through Classroom Assessment**. London: King's College, 1998.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a redefinição da identidade pedagógica da educação de jovens e adultos**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação de jovens e adultos e educação ao longo da vida**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para humanizar: uma questão de qualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. São Paulo: Cortez, 2011.